

O VALOR DA AFECTIVIDADE NUMA HOMILIA DE S. JOSEMARIA ESCRIVÁ

PADRE ANTONIO SCHLATTER

Múrcia (Espanha)

Em 17 de Junho passado cumpriram-se 50 anos da homilia de S. Josemaria Escrivá por ocasião da festa do Sagrado Coração de Jesus: «O coração de Cristo, paz dos cristãos» (in Josemaria Escrivá, Cristo que passa, 4.ª edição, Lisboa, 1997, nn. 162-170).

Este facto e o contexto do Ano da Misericórdia levou o Autor a reflectir e aprofundar no tema da afectividade tal como o apresenta o Fundador do Opus Dei sobretudo nessa homilia.

Damos a seguir, a cargo do Padre Miguel Falcão, uma adaptação do seu artigo, publicado em <http://www.almudi.org>.

O lugar da afectividade na vida do cristão

A dimensão afectiva da pessoa possui a mesma dignidade humana de que gozam a inteligência e a vontade, embora esteja numa ordem diferente. Nesta perspectiva decorre uma visão muito positiva da afectividade humana, afastada quer de uma absolutização dos sentimentos, quer de um falso espiritualismo.

A moral católica não vê com receio os sentimentos. Pelo contrário, dá uma importância fundamental a cuidar deles e a educá-los, pois têm uma enorme transcendência na vida moral. Orientar e educar a afectividade supõe um trabalho indispensável de purificação, porque o pecado original introduziu a desordem no coração de todos os homens.

Por isso, dizia S. Josemaria: «Não te digo que me tires os afectos, Senhor, porque com eles posso servir-te, mas que os purifiques» (*Forja*, 750). Para isso, é preciso educar o coração, embora nem sempre seja uma tarefa fácil.

Conseguir esse equilíbrio na educação dos afectos ajudar-nos-ia a precavermos-nos das duas enfermidades que costumam dar-se neste terreno: o perigo do sentimentalismo e o perigo do estoicismo. Perigos que, ao mesmo tempo que se contrapõem, costumam oscilar no tempo e no desenvolvimento das pessoas, como defeitos que se corrigem entre si, sem poder chegar nunca à harmonia. Para S. Josemaria, o «sentimentalismo-pietismo» é uma caricatura do verdadeiro amor e piedade. Mas, se teme esse excesso enfermizo de sentimentos, preocupa-lhe mais que a afectividade perca o calor e a vivacidade do amor de Cristo, isto é, que o coração se torne seco, rígido.

«Se não aprendermos com Jesus, nunca amaremos. Se pensássemos, como alguns pensam, que conservar um coração limpo, digno de Deus, significa *não o misturar, não o contaminar* com afectos humanos, o resultado lógico seria tomarmo-nos insensíveis à dor dos outros. Só seríamos capazes de uma *caridade oficial*, seca e sem alma; não da verdadeira caridade de Jesus Cristo, que é ternura, amor humano» (*Cristo que passa*, 167 a).

S. Josemaria e o coração como problema

Em S. Josemaria, a afectividade é «um problema necessário». A sua experiência pessoal e pastoral leva-o a enfrentá-lo sem medos e sem subterfúgios, apesar de saber que está a mover-se em areias movediças.

Para isso, a primeira coisa é saber guardar correctamente o coração, como um tesouro recebido de Deus, como uma parte essencial da nossa imagem e semelhança divina. Era um tema frequentemente tratado na tradição ascética espanhola (Francisco de Osuna, Santa Teresa de Jesus) e francesa (J. B. Chautard).

O tema da «guarda do coração», ou o «problema dos afectos na vida interior», foi um tema frequente na vida de S. Josemaria desde os começos. Nos seus *Apontamentos íntimos*, lê-se: «... que o meu pobre coração seja um paraíso, onde vivas Tu: que o meu Anjo da Guarda o guarde, com espada de fogo, com a qual purifique todos os afectos antes de que entrem no meu pobre coração» (1931); «o meu pobre coração está ansioso de ternura. «Se o teu olho te escandaliza...». Não, não é preciso lançá-lo longe, porque não se pode viver sem coração...» (1932). «Sete ferrolhos no coração: pobre coração» (1935).

Podemos talvez concluir que a reflexão de S. Josemaria em torno do mistério do coração humano foi especialmente viva nessa época. A solução a este problema que lhe preocupava encontrou-a no coração de Cristo: só o coração de Cristo, perfeitamente humano e divino, é capaz de harmonizar os desequilíbrios do coração humano.

O Coração de Jesus, paz dos corações

S. Josemaria empreendeu o caminho para Deus a partir do relacionamento com a Humanidade Santíssima do Senhor, contemplando especialmente as cenas da sua Paixão.

Ele sublinha o carinho humano de Cristo como o verdadeiro modelo do afecto cristão para com os outros. Mais ainda: à hora de apreciar a pureza desse afecto, tanto dá que se trate de um amor de amizade, ou de um amor conjugal ou de um elevado amor místico.

Nesse relacionamento afectivo com o Coração de Cristo podem encontrar-se duas ideias madres: a) é com o mesmo coração que amamos a Deus e aos outros; b) a caridade, se é caridade em Cristo, é também carinho humano.

Com efeito, diz: «Nós não temos um coração para amar a Deus e outro para amar as criaturas. Este nosso pobre coração de carne, ama com um carinho humano, que, se está unido ao amor de Cristo, também é amor sobrenatural» (*Amigos de Deus*, 229c).

O ensinamento acerca de um único coração supõe que esse coração não se conforme com um papel secundário – só nalguns momentos, só para alguns assuntos, só para algumas pessoas –. Temos de amar com o mesmo coração, com todo o coração e sem medo ao coração, se queremos amar com o coração que Ele nos deu para O amar a Ele:

«Deus não nos declara: em vez do coração, dar-vos-ei uma vontade própria de puro espírito. Não, dá-nos um coração, e um coração de carne, como o de Cristo. Não tenho um coração para amar a Deus e outro para amar as pessoas da Terra. Com o mesmo coração com que amei os meus pais e amo os meus amigos, com esse mesmo coração amo Cristo, e o Pai, e o Espírito Santo, e Santa Maria» (*Cristo que passa*, 166a).

Para S. Josemaria, será o relacionamento com Cristo e a leitura meditada e contemplada do Evangelho que o ajudarão a formar a sua consciência ante os possíveis enredos do coração. Ele meditava com frequência muitos momentos em que se manifesta como é o amor de Cristo, para poder concluir como São Paulo: «Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus» (*Flp 2, 5*). Jesus tinha «um coração de carne como o nosso» (*Cristo que passa*, 179a). Esse modo tão humano de amar manifesta melhor a sua divindade (cf. *Cristo que passa*, 109a).

Deste modo, S. Josemaria deu paz a muitas pessoas que temiam estar a exceder-se nas suas manifestações de carinho. Sem dúvida, podia dar-se esse excesso; mas pior era a falta de carinho devido. Ilustrava esta necessidade, narmando a queixa resignada de uma doente: «Aqui tratam-me com caridade, mas a minha mãe cuidava de mim com carinho» (*Amigos de Deus*, 229b).

«É uma pena não ter coração. Os que nunca aprenderam a amar com ternura são uns infelizes. Nós, os cristãos, estamos apaixonados pelo amor: o Senhor não nos quer secos, insensíveis, como matéria inerte. Quer-nos impregnados do seu carinho!» (*Amigos de Deus*, 183f).

Conclusão

A conclusão que tiramos, contemplando a vida e os escritos de S. Josemaria (especialmente a homilia sobre o Coração de Jesus), é que a sua vida de piedade, o seu relacionamento com a Humanidade Santíssima de Cristo, fazem com que possa pregar sem temores sobre a necessidade de amar humanamente a Deus e aos outros, «com todo o coração de carne».

A crise actual no mundo dos afectos, essa deficiência de ternura e de carinho que transparece nos nossos dias e a que tem feito frequente referência o Papa Francisco, tem de ser superada em todos os corações, tanto de homens como de mulheres. Também S. Josemaria tomou consciência de que, precisamente por esse modo muito mais afectivo que a mulher tem de viver o amor, lhe corresponde a ela mostrar e ensinar ao homem – não só na vida familiar – como é necessário o relacionamento afectivo e carinhoso nas relações com os outros e com Deus:

«A mulher é chamada a levar à família, à sociedade civil, à Igreja, alguma coisa de característico, que lhe é próprio e que só ela pode dar: a sua delicada ternura, a sua generosidade incansável, o seu amor ao concreto, a sua agudeza de engenho, a sua capacidade de intuição, a sua piedade profunda e simples, a sua tenacidade... A feminilidade não é autêntica se não reconhece a formosura dessa contribuição insubstituível e não a incorpora na própria vida» (*Temas actuais do Cristianismo*, 87e).